

PRÓLOGO

Is demum miser est, cuius nobilitas miserias nobilitat.

Infeliz é aquele cuja fama torna as suas desgraças famosas.

Lucius Accius, *Telephus*

O zunzum na rua era como o zumbido de moscas. Os fotógrafos estavam apinhados por trás de barreiras patrulhadas pela polícia, com as máquinas narigudas preparadas, o seu bafo a subir no ar como vapor. A neve caía sem parar sobre gorros e ombros; dedos enluvados limpavam as lentes das máquinas. De vez em quando havia surtos de cliques ao acaso, com os presentes a ocuparem o tempo de espera tirando fotografias à tenda de lona branca que estava no meio da rua, à entrada da casa alta de tijolos vermelhos por trás dela e à varanda do último andar da casa, da qual o corpo tinha caído.

Por trás do grupo compacto de *paparazzi* encontravam-se carinhas brancas com enormes antenas parabólicas nos tejadilhos, e jornalistas a falarem, alguns em línguas estrangeiras, enquanto técnicos de som com auscultadores andavam por perto. Entre filmagens, os repórteres batiam com os pés no chão e aqueciam as mãos em chávenas de café quente vindas do café cheio de movimento a algumas ruas de distância. Para ocupar o tempo, os operadores de câmara com os seus gorros de lã filmavam as costas dos fotógrafos, as varandas, a tenda que ocultava o corpo, e depois reposicionavam-se para filmar grandes planos que abrangessem o caos que tinha explodido na rua sossegada e coberta de neve de Mayfair, com as suas filas de portas pretas brilhantes emolduradas por pórticos de pedra branca e flanqueadas por arbustos em topiário. A entrada para o número 18 estava isolada com fita. Entreviavam-se no átrio para lá da entrada alguns funcionários da polícia, alguns deles especialistas forenses vestidos de branco. As estações de televisão já tinham dado a notícia há várias horas. Os mirones apinhavam-se nos dois extremos da rua, contidos por mais polícias; alguns tinham vindo de propósito para ver, outros tinham feito uma paragem a caminho do trabalho. Muitos erguiam o telemóvel para tirar fotografias antes de prosseguirem o seu caminho. Um homem novo, não sabendo qual

era a varanda que interessava, fotografou cada uma à vez, embora a do meio estivesse ocupada com uma fila de arbustos, três globos regulares e viçosos, que mal deixavam espaço para um ser humano.

Um grupo de raparigas tinha trazido flores e tinha sido filmado a entregá-las aos polícias, que ainda não tinham decidido qual deveria ser o lugar apropriado para elas e as depositaram, constrangidos, na parte de trás da carrinha da polícia, conscientes das objetivas das câmaras a seguirem todos os seus movimentos.

Os correspondentes enviados pelos canais de notícias mantinham um fluxo constante de comentários e de especulações em torno dos poucos factos sensacionalistas de que estavam a par.

«... do seu apartamento no último andar, por volta das duas da madrugada. A polícia foi alertada pelo segurança do prédio...»

«... não há ainda sinal de que vão remover o cadáver, o que levou algumas pessoas a especular...»

«... não disseram ainda se ela estava sozinha quando caiu...»

«... equipas entraram no prédio e irão levar a cabo uma busca exaustiva.»

Uma luz gélida enchia o interior da tenda. Estavam dois homens acocorados ao lado do corpo, prontos a metê-lo por fim num saco próprio para o efeito. A cabeça da vítima tinha sangrado um pouco para a neve. O seu rosto estava esmagado e inchado, com um dos olhos reduzido a uma fenda, o outro a deixar ver uma lasca de um branco mortício entre pálpebras distendidas. Quando o *top* com lantejoulas que ela trazia vestido cintilava com as ligeiras mudanças de luz, dava uma impressão perturbadora de movimento, como se ela estivesse a respirar de novo ou a fletir os músculos, a preparar-se para se levantar. A neve caía como batidas suaves da ponta de dedos em cima da lona.

— Onde é que está o raio da ambulância?

O mau humor do inspetor Roy Carver estava a aumentar. A pouca paciência de Carver, um homem barrigudo com o rosto da cor de carne de vaca de conserva e cujas camisas tinham habitualmente um círculo de suor à volta dos sovacos, já se tinha esgotado há horas. Estava ali há quase tanto tempo como o cadáver; tinha os pés tão frios que já não os sentia e estava estonteado de fome.

— A ambulância está a dois minutos — disse o sargento Eric Wardle, respondendo por coincidência à pergunta do seu superior ao entrar na tenda com o telemóvel colado à orelha. — Acabei de arranjar espaço para ela.

Carver grunhiu. O seu humor exacerbou-se com a convicção de que Wardle estava entusiasmado com a presença dos fotógrafos. Com o seu ar de garoto bem-parecido, cabelo castanho farto e ondulado, agora salpicado de neve, Wardle, na opinião de Carver, tinha demorado mais tempo do que o necessário nas suas poucas incursões fora da tenda.

— Pelo menos aquela gente vai-se embora depois de levarmos o corpo — disse Wardle, ainda a olhar lá para fora para os fotógrafos.

— Não vão enquanto estivermos a tratar o raio do local como a cena de um crime — ripostou Carver.

Wardle não reagiu à provocação implícita. Carver explodiu, de qualquer maneira.

— A desgraçada saltou. Não estava lá mais ninguém. A alegada testemunha estava com cocaína a sair-lhe pela...

— Está a chegar — disse Wardle, e, para irritação de Carver, saiu da tenda para esperar pela ambulância à vista das câmaras.

A história fez passar para segundo plano notícias de política, de guerras e de desastres, e todas as suas versões cintilavam com imagens do rosto perfeito da vítima, do seu corpo flexível e escultural. Numa questão de horas, os poucos factos conhecidos tinham alastrado como vírus a milhões de pessoas: a discussão em público com o namorado famoso, o regresso a casa sozinha, os gritos ouvidos e a queda final, fatal...

O namorado tinha ido refugiar-se numa clínica de recuperação, mas a polícia manteve-se inescrutável; os que tinham estado com ela na noite da sua morte eram perseguidos pelos meios de comunicação; foram preenchidas milhares de colunas de jornais e de horas de notícias na televisão, e a mulher que jurara ter ouvido uma segunda discussão momentos antes de o corpo cair tornou-se momentaneamente famosa e foram publicadas fotografias suas, mais pequenas, ao lado das imagens da bela rapariga morta.

Mas então, perante um gemido de decepção quase audível, ficou provado que a testemunha tinha mentido, *ela* retirou-se para uma clínica de recuperação, e o principal suspeito saiu da clínica, como dois bonecos, o homem e a mulher, numa daquelas casinhas para indicar o tempo que faz, que nunca podem estar cá fora na mesma altura.

Sempre era suicídio, afinal, e, depois de um momento de pasmo, a história ganhou um novo fôlego, mais fraco. Escreveu-se que a vítima era uma pessoa desequilibrada, instável, inadaptada ao super-relato que os seus excessos e a sua beleza tinham provocado; que se movera num círculo de gente imoral e com dinheiro que a tinha corrompido; que a decadência da sua nova vida tinha feito descarrilar uma personalidade já frágil. Ela tornou-se uma lenda exemplar com laivos de satisfação com o mal dos outros, e tantos jornalistas fizeram alusões a Ícaro que a revista satírica *Private Eye* lhe dedicou uma coluna especial.

Por fim, o frenesim foi-se dissipando em notícias requentadas e até mesmo os jornalistas deixaram de ter o que dizer, a não ser que já tinha sido dito demasiado.

TRÊS MESES DEPOIS

PARTE UM

Nam in omni adversitate fortunae infelicissimum est genus infortunii fuisse felicem.

Em toda a adversidade do destino, a condição que gera mais infelicidade é o facto de se ter sido feliz.

Boécio, *De Consolatione Philosophiae*

1

Embora os vinte e cinco anos da vida de Robin Ellacott já tivessem tido os seus momentos de drama e de acontecimentos especiais, nunca antes ela tinha acordado com a certeza de que viria a recordar o dia que aí vinha para toda a vida.

Pouco depois da meia-noite, o seu namorado de longa data, Matthew, tinha-a pedido em casamento por baixo da estátua de Eros, no meio de Piccadilly Circus. No alívio estonteado que se seguiu à aceitação dela, ele confessou que tinha planeado fazer-lhe o pedido no restaurante tailandês onde tinham jantado, mas que não tinha contado com o casal silencioso na mesa ao lado, que passara o tempo a escutar a conversa deles. Por isso, ele sugeriu um passeio pelas ruas no escuro, apesar dos protestos de Robin de que ambos precisavam de se levantar cedo, e finalmente a inspiração apoderou-se dele e conduziu-a, perplexa, aos degraus da estátua. Aí, atirando a discrição ao vento gélido (de uma maneira que não era nada típica dele), pediu-a em casamento, de joelho no chão, em frente a três sem-abrigo encolhidos nos degraus a partilhar o que parecia ser uma garrafa de álcool etílico.

Tinha sido, na opinião de Robin, o pedido de casamento mais perfeito de toda a história do matrimónio. Ele até tinha um anel no bolso, que ela usava agora; tinha uma safira e dois diamantes, servia-lhe na perfeição e durante todo o caminho até ao centro foi a fitá-lo na mão pousada no regaço. Ela e Matthew tinham agora uma história para contar, uma história de família engraçada, do tipo que se contava aos filhos, na qual os planos dele (ela adorava que ele tivesse feito planos) saíam furados e se transformavam em algo espontâneo. Ela adorava os vagabundos e a lua, e Matthew, em pânico e nervoso, de joelho no chão; adorava Eros e a velha

e suja Piccadilly e o táxi preto que tinham apanhado para casa, para Clapham. De facto, não estava longe de adorar toda a cidade de Londres, que até àquela altura não a tinha ainda convencido, ao fim de um mês a viver lá. Até os passageiros macilentos e mal-encarados, apertados à sua volta na carruagem do metro, estavam banhados pela luz radiante do anel; e quando saiu para a luz do dia gélido de março na estação de metro de Tottenham Court Road, acariciou a parte de baixo do anel de platina com o polegar e sentiu uma explosão de felicidade ao pensar que talvez comprasse umas revistas de noivas à hora do almoço.

Olhares masculinos demoravam-se nela enquanto abria caminho por entre as obras que estavam a decorrer no topo de Oxford Street, consultando um pedaço de papel que segurava na mão direita. Robin era, por quaisquer padrões, uma rapariga bonita; alta e bem feita, com cabelo louro arruivado que ondulava com as suas passadas rápidas, e com o ar frio a dar cor às suas faces pálidas. Este era o primeiro dia de uma colocação como secretária por uma semana. Robin fazia trabalhos temporários desde que tinha vindo viver com Matthew em Londres, embora não por muito mais tempo; já tinha aquilo a que chamava entrevistas «a sério» marcadas.

Muitas vezes, o maior desafio destes trabalhos ocasionais pouco inspiradores era encontrar os escritórios. Londres, depois da pequena cidade no condado de York que ela deixara, parecia vasta, complexa e impenetrável. Matthew tinha-lhe dito para não andar pelas ruas com o nariz enfiado no roteiro da cidade, porque a faria parecer uma turista e a tornaria mais vulnerável; por isso, na maior parte das vezes ela guiava-se por mapas mal desenhados que alguém na agência de trabalho temporário lhe fazia. Não estava convencida de que essa atitude lhe desse o ar de uma londrina de gema.

As barreiras de metal e os tapumes de plástico azul que rodeavam as obras na estrada tornavam muito mais difícil ver para onde devia dirigir-se, porque ocultavam metade dos pontos de referência desenhados no papel que tinha na mão. Atravessou a rua esventrada em frente a um prédio alto de escritórios, identificado como «Centre Point» no seu mapa, e que parecia um *waffle* gigantesco de cimento, com a sua grelha densa de janelas quadradas uniformes, e encaminhou-se mais ou menos na direção de Denmark Street.

Encontrou-a quase acidentalmente, seguindo por um beco estreito chamado Denmark Place e saindo para uma rua curta cheia de fachadas de lojas coloridas: montras pejudas de guitarras, de teclados e de todo o tipo de produtos musicais efêmeros. Umhas barreiras vermelhas e brancas rodeavam outro buraco aberto na estrada, e os trabalhadores com coletes fluorescentes saudaram Robin com assobios logo de manhã, que ela fez de conta que não ouviu.

Consultou o seu relógio. Como tinha dado a margem de tempo usual para o caso de se perder, tinha chegado um quarto de hora adiantada. A porta do escritório que ela procurava, pintada de preto e sem quaisquer características especiais, ficava à esquerda do 12 Bar Café; o nome do ocupante do escritório estava escrito numa tira de papel pautado colado com fita-cola ao lado da campainha do segundo andar. Num dia normal, sem o anel novinho em folha a brilhar-lhe no dedo, talvez ela tivesse achado aquele pormenor desanimador; hoje, no entanto, o papel sujo e a tinta da porta a descascar eram, tal como os vagabundos da noite anterior, meros pormenores pitorescos no pano de fundo do seu fantástico romance. Olhou de novo para o relógio (a safira cintilou e o seu coração deu um salto; veria aquela pedra a brilhar para o resto da sua vida) e depois, num acesso de euforia, decidiu subir antes da hora e apresentar-se entusiasmada a um trabalho que não tinha a mínima importância.

Estava a estender a mão para a campainha quando a porta preta se abriu de rompante e saiu uma mulher de roldão para a rua. Num estranho segundo estático, as duas olharam-se nos olhos, ambas a prepararem-se para aguentar uma colisão. Os sentidos de Robin estavam especialmente alerta nesta manhã encantada; a visão daquele rosto por uma fração de segundo causou-lhe uma tal impressão que, pensou ela — momentos depois de conseguirem evitar-se uma à outra por uma unha negra e de a mulher de cabelo escuro se apressar a descer a rua, virar a esquina e desaparecer da vista —, poderia desenhá-la perfeitamente de memória. Não foi só a extraordinária beleza do seu rosto que se lhe gravou na memória, mas também a sua expressão: lívida, mas estranhamente agitada.

Robin segurou na porta antes de ela se fechar sobre as escadas acanhadas. Uma escadaria antiquada de metal subia em espiral à volta

de um elevador de gaiola igualmente antiquado. Concentrando-se em evitar que os seus tacões altos ficassem presos nos degraus de metal, subiu até ao primeiro patamar, passando por uma porta onde estava pendurado um cartaz laminado e emoldurado a dizer *Crowdy Graphics*, e continuou a subir. Foi só quando chegou junto à porta envidraçada no andar acima que Robin se apercebeu, pela primeira vez, do tipo de negócio para onde a tinham enviado como secretária. Ninguém na agência lhe tinha dito. O nome no papel ao lado da campanha lá em baixo estava gravado no painel de vidro: *C. B. Strike*, e por baixo as palavras *Detetive Privado*.

Robin ficou imóvel, com a boca ligeiramente aberta, sentindo um encantamento que ninguém que a conhecesse poderia ter compreendido. Nunca tinha confidenciado a um só ser humano que fosse (nem mesmo a Matthew) a sua ambição secreta e infantil de toda a vida. E que isso fosse acontecer hoje, logo hoje! Parecia um piscar de olhos de Deus (e também isso, de algum modo, ela relacionava com a magia do dia; com Matthew e o anel; embora, devidamente considerados, não houvesse qualquer relação).

Saboreando o momento, aproximou-se lentamente da porta com as letras gravadas. Estendeu a mão esquerda (com a safira agora sem brilho, a esta luz fraca) na direção do puxador da porta; mas antes de ter tempo de lhe tocar também a porta envidraçada se abriu de rompante.

Desta vez, Robin só não escapou por um triz; cem quilos de homem todo enxovalhado colidiram com ela; Robin perdeu o equilíbrio e foi catapultada para trás, com a mala de mão a voar, os braços a adejar como pás de moinho, na direção do vazio para lá da escadaria mortífera.